

Deslocamentos territoriais desde a perspectiva narrativa: Mapeamentos de um processo investigativo

Territorial displacements since the narrative perspective:

Mappings an investigative process

Aline Nunez*

ameline.nr@gmail.com

Universidade Federal de Goiás, Brasil

Recibido: 30 de septiembre de 2013

Aceptado: 2 de diciembre de 2013

Resumo • As reflexões trazidas neste texto derivam dos deslocamentos e indagações vividas em meio a um processo investigativo, em nível doutoral. Neste recorte parto de duas questões que tem operado enquanto caminhos a serem abordados no trabalho: os deslocamentos territoriais enquanto possibilidade de mudança e subjetivação e, a perspectiva narrativa como forma de mapear o que emerge destas experiências de trânsitos e mudanças.

Palavras Chave • Deslocamentos territoriais / Perspectiva narrativa / Processo investigativo.

Abstract • The reflections made in this paper are derived from the displacements and inquiries lived amid an investigative process. In this clipping birth of two issues that have operated as ways to be discussed: the territorial displacement as a possibility for change and subjectivation, and the narrative perspective as a way to map what emerges from these experiences influences and changes.

Key Words • Territorial displacement / Narrative perspective / Investigative process.

* Mestre em Educação Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (Doutorado) Universidade Federal de Goiás (Goiás, Brasil), E-mail: ameline.nr@gmail.com

Elementos que compõem este mapa

É pelo desejo de mudança, de descoberta, de busca por outras referências e experiências que nos dispomos a encontrar coisas novas: lugares, pessoas, culturas, afetos, conceitos. Ou ainda, quando buscamos modos distintos de relacionarmos-nos com estas mesmas territorialidades. É necessário, todavia, esvaziar-se de certas crenças, sentidos, hábitos, concepções e vivências anteriores, no intuito de se deixar encharcar por outras experiências e intensidades ainda desconhecidas. Aprender desde outra posição, ainda que se esteja ocupando-a de modo desajeitado e provisório.

É em parte sobre ocupar desajeitadamente uma nova posição que busco discorrer neste artigo, partindo de algumas das questões e apontamentos que vêm emergindo da investigação doutoral¹ que desenvolvo atualmente. A primeira delas sobre o próprio processo de estar em deslocamento, reflexionando sobre os tensionamentos no tocante a estar em trânsito geográfico e conceitual, e suas implicações na produção de uma pesquisa acadêmica.

O segundo ponto trazido diz respeito ao processo metodológico, a partir do uso que faço da abordagem narrativa. Neste sentido, além de apontar alguns aspectos sobre a pertinência de seu uso nesta investigação, questiono-me igualmente sobre como produzir uma narrativa, que se nutra de relatos visuais e escritos, os quais emergem e se fazem presentes nas experiências vividas a partir dos trânsitos em questão.

Mobilidades, deslocamentos, nomadismos

É interessante pensarmos sobre o desejo de querer partir, de ir para outro lugar, de criar outras territorialidades e se construir num outro contexto geográfico. E para isso, levo em consideração a reflexão trazida por Augé (2010: 15 -16), ao dizer que:

A mobilidade sobremoderna² exprime-se nos movimentos de população (migrações, turismo, mobilidade profissional), na comunicação geral instantânea e na circulação dos produtos, das imagens e das informações. Ela corresponde ao paradoxo de um mundo onde podemos

¹ Investigação doutoral desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual, da Universidade Federal de Goiás (UFG), orientada pela professora doutora Alice Fátima Martins. Investigação integralmente financiada pela agência de fomento CAPES.

² Para Augé o termo sobremoderno é cunhado pensando que “‘sobre’ no adjetivo sobremoderno deve ser entendido no sentido do inglês ‘over’; ele designa a superabundância de causas que complica a análise dos efeitos” (2010, p. 15)

teoricamente tudo fazer sem deslocarmo-nos e onde, no entanto, deslocamo-nos.

O mundo contemporâneo oferece uma excessiva possibilidade de movermo-nos: deslocarmo-nos através das novas ferramentas de comunicação, do acesso à internet, do acesso mais facilitado ao turismo, de um mundo inteiro visto e experimentado através de filmes, livros, programas de TV, revistas especializadas... Ou seja, há disponível uma multiplicidade de maneiras para deslocarmo-nos, sem necessariamente termos que sair do lugar, pelas quais somos potencialmente afetados e transformados. No entanto, para muitas pessoas, experimentar somente por meio destes recursos ainda não é o bastante, passando estes a servir como disparadores, que potencializam a vontade de partir, de mudar efetivamente de paisagem, de romper com algo dado.

O desejo de conhecer outros contextos, outras culturas; a necessidade de recomeçar, de produzir outros modos de viver em um território distinto; experimentar situações diferentes, conquistar um novo espaço, construir outras relações com pessoas; um novo trabalho, etc. São tantos os motivos que levam as pessoas a saírem de suas cidades e de seus países... São tantas as condições pelas quais saímos: como imigrantes, como viajantes, como estudantes, como exilados, turistas, etc. O próprio fragmento extraído de Augé menciona algumas destas possibilidades.

Para esta pesquisa em específico, meu recorte se faz nos deslocamentos que se dão pela via profissional, em torno à formação continuada³, na pós-graduação, e da construção de uma trajetória como investigador. Ou seja, tomo como um caminho possível a questão profissional, porém, através dos relatos obtidos até então⁴, fica perceptível que os caminhos são rizomáticos, e por isso mesmo, são entrecruzados e influenciados por múltiplos aspectos da vida, fazendo vazar outras questões, para além da formação.

E, em virtude disto, é até mesmo difícil buscar uma expressão que dê conta desta experiência, no sentido de que eles (os estudantes que participam deste trabalho) estão em percurso, não saíram de um determinado lugar

³ Atualmente colaboram com esta investigação sete estudantes de pós-graduação (em nível de mestrado e doutorado). Para esta escrita opto por focar somente parte de alguns relatos, sem pretensão de promover análises pormenorizadas, uma vez que este processo ainda encontra-se em estágio inicial.

⁴ As entrevistas foram realizadas com cada participante via e-mail, entre os meses de julho e outubro de 2012, e primeiro semestre de 2013. A partir de três indagações enviadas (Como se deu esta(s) viagem(s)? O que é produzido e/ou construído subjetivamente neste processo de deslocar-se? Que experimentações e investimentos são realizados neste processo?), os participantes discorreram sobre suas experiências, ampliando em muitos outros aspectos os questionamentos inicialmente propostos. A depender dos retornos obtidos, foram enviadas novas perguntas, no sentido de aprofundar as reflexões.

para já estabelecerem-se noutro, seguem movendo-se. Encontram-se numa condição de provisoriedade, que, a princípio, perdura o tempo dos cursos aos quais se lançaram: mestrados, doutorados, com uma média prevista entre dois e quatro anos.

No entanto, é um aspecto quase impossível de se prever, já que o tempo de permanência pode ser estendido, como no caso da obtenção de um espaço de trabalho, de uma oportunidade de seguir os estudos de pós-graduação, dentre outros aspectos inesperados que podem surgir neste ínterim, incluindo-se relações afetivas, a empatia com o lugar, ou a própria acomodação. Porém, até que estas coisas aconteçam, seguem provisoriamente nas cidades em que vivem como estudantes.

Este tipo de mobilidade acaba por diferenciar o contexto definido para a investigação de muitos dos grupos citados quando se trata do tema dos deslocamentos entre territórios: exilados, imigrantes e turistas, por exemplo. Muitos são os escritos recentes produzidos em torno a estes grupos, e aqui destacaria os nomes de Appadurai (2008), Rogoff (2000), Canclini(1998), Bhabha (1998), cujas produções tratam de problematizar seus deslocamentos. Não obstante, Braidotti (2002) problematiza as nomenclaturas utilizadas acerca da mobilidade de grupos e indivíduos, propondo uma distinção entre três das categorias mais correntes: os migrantes, os exilados e os nômades. Para ela estes grupos diferenciam-se pelos seguintes aspectos:

O itinerário clássico do migrante é composto por lugares fixos: da “casa” para os países “anfitriões”, em uma série de deslocamentos consecutivos. Argumentei que o migrante – como figura das duras condições econômicas – tende a se apoiar nos valores “natais”, enquanto tenta se adaptar àqueles do ambiente anfitrião (um corte congelado de história).

O exilado, por outro lado, marca a separação radical de – e a impossibilidade de retorno ao – ponto de partida. Mais freqüentemente, mas devido a razões políticas, o exilado não conhece vindas periódicas, e idas e voltas de dois lugares comparativamente fixados.

O nômade por outro lado se posiciona pela renúncia e desconstrução de qualquer senso de identidade fixa. O nômade é semelhante ao que Foucault chamou de contramemória, é uma forma de resistir à assimilação ou homologação dentro de formas dominantes de representar a si próprio. (...) O estilo nômade tem a ver com transições e passagens, sem destinos pré-determinados ou terras natais perdidas. (p. 10)

Então, temos o que a autora chama de subjetividades nômades, ou seja, algo que se reporta a um devir nômade em que, independentemente do

lugar geográfico, cria-se para si um estilo de vida, um posicionamento não estático, um modo de transitar não só por territórios, mas pelas questões que se impõem nas dinâmicas das relações sócio-culturais.

Neste caso, a nomenclatura proposta por Braidotti é pensada como um elemento conveniente e favorável para operar com o grupo de sujeitos que se entrecruzam neste trabalho. Primeiramente pois me refiro a pessoas que acima de tudo deslocam-se pela possibilidade de produzir uma mudança em suas vidas, de produzir um deslocamento que implica numa mudança de postura frente ao mundo do qual participam e pelo qual são construídos, revisando crenças e concepções anteriores.

Ainda, vejo a pertinência desta concepção por tratar-se de uma noção que indica provisoriedade, no que diz respeito aos modos de ser. Entende-se que o processo de deslocar-se tem sua importância no próprio percurso, no caminho percorrido, não tanto aonde se chega ou de onde se sai. Ao sujeito nômade interessa o processo de construir e desconstruir (se), rompendo com as noções de identidade, que fixa e enraíza, bem como com as concepções de uma identidade nacional unificada (Hall, 2006), de pertencimento e origem.

Por considerar todos estes aspectos, neste momento o que mobiliza a investigação doutoral vem a ser pensar sobre o que acontece após a saída de um território, em meio aos processos de desterritorializar-se. Tomando minha experiência, atravessada pelos relatos de outras pessoas que se colocam em trânsito, busco interrogar como se dá o movimento de refazer-se, reinventar-se em novos espaços e conhecer como vamos nos reterritorializando em outras partes. Isto tudo problematizando sobre o que muda (e o que mudamos) em nossas vidas neste processo.

Segundo os primeiras reflexões obtidas dos relatos, o ato de mudar-se, de mover-se por diferentes territórios e situações, configura-se como o ponto mais importante do processo vivenciado por estes estudantes. Não tanto buscar conhecer o destino futuro destes investimentos, isto é, no que resultará ter saído dos lugares anteriores e onde se estará num momento posterior. Em conformidade com as falas dos colaboradores, a mudança em si e o que está sendo produzido no momento presente são os aspectos mais significativos, sobretudo quando problematizamos as implicações dessas mudanças em suas vidas e, por assim dizer, esta postura articula-se à noção de sujeito nômade, elaborado por Braidotti.

Não obstante, ao contrário das demais 'categorias' trazidas pela autora, por mais que o destino final (se é que podemos pensar de modo tão incisivo em um destino final) não seja o mais significativo, ou mesmo que o ponto de partida mostre-se necessariamente como algo fundamental (espécie de

marco), o sujeito nômade tem liberdade para transitar entre estes múltiplos lugares do mapa que vai sendo por ele desenhado, contanto que haja relevância para tal.

Assim sendo, os colaboradores, enquanto sujeitos nômades, possuem também trânsito livre para retornar às territorialidades e territórios anteriores e relacionar-se com lugares passados, contudo sempre de modo atualizado, revisitado do ponto de vista dos seus interesses e perspectivas. Podem, igualmente, desde o lugar onde estão, buscar novos espaços, criando novas condições e explorando outras rotas.

Em meio às mudanças, aos dilaceramentos e às desconstruções, somos compelidos a buscar outros modos de (re)compor, de arquitetar, de construir a partir das ruínas, de inventar infielmente a partir de nossas heranças. Heranças às quais Derrida (Derrida, 2001, p.47, *apud* Skliar, 2008, p. 19). refere-se como algo a que se faça viajar. Viajar para fazer vazar, para colocar (se) em movimento, para ir a outro lugar (mesmo que não se saia dele), em que se respire de uma outra forma. Evidentemente viajar ou mudar de território por si só não seria garantia de mudança, de transformação pessoal. Contudo, no caso das pessoas entrevistadas, cujas trajetórias estão de alguma forma configurando o mapa que venho produzindo na investigação, a mudança de território foi o disparo mais intenso para que coisas novas pudessem brotar em suas vidas, ou para que certas rupturas fossem efetivadas. A seguir, trago um fragmento de um dos relatos, que explicita esta questão:

uma parte significativa da minha mudança de cidade não esteve conectada com meu desejo de ser mestre, mas sim em sair de Porto Alegre. Por quê? Para mudar a mim mesmo. Estive por muitos anos descontente com quem eu era e com o que eu fazia, mas demorei (o que considero) demais para começar a operar algumas mudanças na minha vida. (...) para quem começou a viver em deslocamento, deslocar-se [territorialmente] me pareceu uma ótima saída. (Tales Gubes, 2012).

Por maior que seja o conflito entre a permanência, a estabilidade ou a mudança e a promoção de abalos, faz-se notório que os sujeitos em questão (e nisto incluo também minha experiência), por diferentes caminhos acabam por escolher a segunda opção, por mais difícil que se mostre em alguns momentos encaminhar-se para algo desconhecido, ficar sem chão, (se) construir a partir de ruínas e ou das condições que se mostram favoráveis. Afinal,

não há um caminho traçado de antemão que bastasse segui-lo, sem desviar-se, para se chegar a ser o que se é. O itinerário que leve a um "si mesmo" está para ser inventado, de uma maneira sempre singular, e não

se pode evitar nem as incertezas nem os desvios sinuosos. (Larrosa, 2006: 09).

O encontro com este “si mesmo” pode acontecer de inúmeros modos, tantos quantos são os modos de experimentarmos sobre nós mesmos. Mas para isso, é preciso uma disposição para promover este encontro, é preciso sujeitar-se e colocar-se a criar este eu a que se busca. Neste movimento, é importante levar em conta que é preciso “ser arrojado para se querer tornar em tudo o que não se é. É preciso o esforço da torção para chegar a desconjuntar o sujeito que se é, que se acostumou a ser” (Preciosa, 2010: 52). Pensar que os deslocamentos e os trânsitos por diferentes lugares nos afetam e, por isso, nos tornamos outros é importante, mas é também imprescindível investigar os “comos” deste processo, isto é, como e através de quais agenciamentos vamos nos modificando. Que negociações são realizadas conosco e com os novos contextos para que certas mudanças sejam operadas?

Estas reflexões, ancoradas à pesquisa de cunho narrativo não pretendem trazer à tona verdades sobre os processos de se deslocar, informando dados, datas, pontos de partida e de chegada, contando uma vida de modo linear. Por outro lado, pretendem sim construir sentidos a partir da experiência de transitar por territórios distintos e daquilo que é fabricado, inventado, torcido e multiplicado nesta condição. Problematizar como os sujeitos elaboram para si outros mundos a partir deste deslocamento, configura-se como um dos pontos chave na investigação que proponho.

O esforço da torção⁵

É impossível dissociar os processos de mutação subjetiva dos processos de mudança social, conforme Rolnik (1995). A subjetividade não está resguardada em um dentro, em uma parte interna do sujeito que é produzida/inventada na solidão, tampouco seria algo incomunicável com os processos de vida que se dizem externos: o convívio social, as relações com o contexto familiar, profissional, as práticas cotidianas, dentre tantos outros.

O processo de subjetivação se daria então através das combinações, dos engendramentos, das reconfigurações realizadas pelos sujeitos, seja num deserto povoado⁶, atualizando interesses e referências, por meio das trocas

⁵ Preciosa (2010)

⁶ A este respeito diz Deleuze (DELEUZE e PARNET, 1998: 19): Nós somos desertos, mas povoados de tribos, de faunas e floras. Passamos nosso tempo a arrumar essas tribos, a dispô-las de outro modo, a eliminar algumas delas, a fazer prosperar outras. E todos esses povoados, todas essas multidões não impedem o deserto (...). O

e afetivações, seja no encontro com outros pares, modificando-se a si e aos entornos dos quais participam.

Ainda explorando a questão a partir de Rolnik (1997: 06),

(...) se a subjetividade é simplesmente um espaço interno, formando com sua exterioridade um par de opostos numa relação de causalidade – na melhor das hipóteses, dialética – tudo está dado desde sempre e para sempre, e não há como pensar em mudança. Mais impossível ainda pensá-la, se considerarmos que só temos acesso à exterioridade, através da projeção de um mundo interno, espécie de filme rodado com as fantasias de nossa primeira infância, que nunca parariamos de projetar.

No que diz respeito ao trabalho, entendo estes processos não de modo a buscar causalidades, à procura de uma razão anterior que justifique os desejos de mudar, de sair, de explorar outras possibilidades de vida. Uma vez que são múltiplas as forças e os desejos que nos movimentam a construir novas rotas as quais percorrer. E, justamente por sua multiplicidade, estas rotas não podem ser concebidas tendo um único ponto de partida ou centro de convergência.

Os desejos se dão em agenciamento, estão sempre “mancomunados” com outras formas e outras ações, e assim, se transformam o tempo todo. Não se movem pela falta de algo que precisa ser “reposto”, que preenche um vazio. Ao contrário, se efetuam pela potencialidade de estabelecer outras relações, de gerar encontros, de provocar acontecimentos para além deste suposto dentro.

Essa ideia fica ainda mais viva na medida em que faço uma imersão nos relatos iniciais dos colaboradores. Há uma vontade de conseguir ser mais próximo daquilo que se quer para si, a partir da mudança de território e do distanciamento de certas rotinas e hábitos naturalizados. Não pela mudança de território em si (conforme venho reiterando no decorrer desta escrita) mas pela força que este processo demanda: decidir romper com algo que é estável, fixado enquanto norma, apartar-se de um mundo já conhecido, redimensionar as prioridades. Neste movimento pode-se incluir questões como aprender a se expressar numa outra língua, aproximar-se de pessoas desconhecidas e ocupar paulatinamente os novos espaços. São mudanças que, num primeiro momento, já sinalizam a complexidade do que está por vir: os processos de adaptação, as negociações realizadas em nome da entrada e participação em novos grupos de trabalho, de

deserto, a experimentação sobre si mesmo é nossa única identidade, nossa única chance para todas as combinações que nos habitam.

socialização; as escolhas que faremos daquilo que queremos mostrar, destacar ou dissipar neste contexto atual.

Pensar nos processos de subjetivação não diz respeito a achar uma essência, um nome que classifique, uma categoria ou uma forma de se descobrir enquanto sujeito que é deste jeito ou daquele outro. Diz respeito a pensar nas associações, nas relações que nos fazem ser, sem nos definir, e que nos mobiliza a experimentar sobre nós mesmos.

Contudo, este experimentar sobre nós mesmos não vem a ser algo simples, como parece ao ser escrito. E, como disse Deleuze (*in* DELEUZE e PARNET, 1998: 24) “gritar ‘viva o múltiplo’, ainda não é fazê-lo, é preciso fazer o múltiplo”. Em vista disso, dizer que se faz diferente ou que se produz uma mudança ainda não é fazê-la.

Experimentar é colocar-se à prova, é fazer além daquilo que se está acostumado, é esforçar-se para inventar um eu que ainda não se chegou a ser. E nada disso é simples. Demanda investimento de nossos desejos neste projeto, pensar de modo desajeitado até que se ganhe força no meio deste percurso. Somos a combinação díspare das coisas que vamos escolhendo e pelas quais somos escolhidos, produto do que fazemos com estas escolhas e do que pensamos a partir delas. Ao deslocarmo-nos combinamos e agenciamos novos elementos, dando vazão aos modos de experimentar os outros eus que nos atravessam. Algo que está muito mais voltado a uma condição de “poder aparecer diante de si mesmo estranho, áspero, alquebrado, ambulante, um balaio de muitos” (Preciosa, 2010: 52). Uma experiência que certamente não é cômoda e, por isso mesmo, que pode ser concebida como algo processual, nunca automatizada.

Em razão de conhecer o que se passa neste processo é que me interessa saber: o que é experienciado quando nos encontramos num novo território? Que deslocamentos são produzidos além do trânsito por entre espaços e tempos? Que investimentos são feitos para que seja produzido um deslocamento em nós, não somente do ponto de vista da mudança geográfica? A partir de quais escombros realizamos nossos agenciamentos e reterritorializamo-nos em outras partes? Assim, ao contrário de questionar os participantes e investigar sobre o que viviam antes desta viagem, as perguntas lançadas vão em direção a problematizar o que é produzido no atual momento vivido, nas relações atualizadas a partir da experiência de estar num território desconhecido que aos poucos vai sendo apropriado.

Com isso, no entanto, não são descartadas as experiências anteriores, tampouco as motivações e investimentos empregados antes de sair de seus lugares de origem, sem considerá-los causais. Contudo, minha atenção volta-se para as paisagens que vêm sendo invencionadas neste novo

mapa, descobrindo quais elementos são priorizados em suas escolhas e, assim, combinados ou sobrepostos acabam por dar forma a um novo contexto de atuação. “El Yo, (...) no es una cosa estática o una sustancia, sino una configuración de acontecimientos personales en una unidad histórica, que incluye no sólo lo que uno ha sido sino también previsiones de lo que uno va a ser” (Polkinghorne *apud* Bruner, 1991: 114), ao passo que dá sentidos às próprias experiências e se reinventa, criando para si novas paisagens nas quais pode transitar.

À continuação dedico-me a pensar a perspectiva narrativa, como forma de desenvolver a investigação metodologicamente.

Mirar con otros ojos

“Un amigo me dijo una vez que el verdadero viaje de descubrimiento no consiste en cambiar de paisaje, sino en mirar con otros ojos”⁶.

Considero a abordagem da experiência como algo potente no campo da investigação acadêmica e entendo-a enquanto modo de ampliar os caminhos de se compreender e ver com múltiplas lentes os fatores de construção do social e cultural dos quais somos partícipes. Problematizar a experiência possibilita uma outra forma de vivê-la, de experimentá-la; refletir a partir de relatos (meus e de outros) fornece ferramentas com as quais pode ser possível fazer, pensar, produzir desde outros encaminhamentos, quase como se nos forçássemos a fazer diferente diante do que fora vivido até o momento. Em virtude destas considerações, aos poucos fui percebendo a conveniência de incorporar ao trabalho relatos e narrativas acerca do tema em questão. Aliás, foi justamente por desejar ouvir/conhecer narrativas de outras pessoas acerca do tema que percebi o quão produtivo poderia ser trabalhar com esta perspectiva.

A este respeito é importante trazer que a abordagem narrativa não é propriamente considerada uma metodologia, mas sim uma perspectiva, que compreende em seu bojo uma considerável variedade de práticas e procedimentos de investigação com os quais pode-se contar no âmbito das pesquisas qualitativas, dentre eles diferentes tipos de enfoques quanto ao tipo de narrativa que se constrói ou deseja construir e, ainda, de como abordá-la enquanto material de pesquisa.

Conforme Hernández e Rifá (2011: 28) os diferentes tipos de investigação poderiam ser classificados em: biografias, autobiografias, *Bildungsroman*,

⁶ Fala da personagem Lucía, no filme “La hija del canibal” (em português lançado como “Aos olhos de uma mulher”). <http://www.cinepop.com.br/filmes/aosolhos.htm>

relatos pessoais, narrativas pessoais, documentos pessoais, documentos de vida, relatos de vida, histórias de vida, história oral e etnohistória, autoetnografias, etnopsicologia, etnodrama, memória popular e testemunhos latinoamericanos. Por sua vez, todas estas formas são diferenciadas segundo a intenção e a ênfase dada àquilo que pretende-se no “proceso de investigación (grafia), en la cultura (etno) o en el sujeto (auto)” (Hernández e Rifá, 2011: 28).

Tão importante quanto o ato de narrar, vem a ser o que podemos aprender de uma narrativa, ao passo que esta reverbera em nós, proporcionando que se reflita sobre aspectos importantes de nossas vidas e de como vamos nos tornando a pessoa que somos. Ou, para ir mais além disso, por meio da investigação narrativa, penso que em alguma medida podemos aprender desde aquilo que se escuta/conhece por meio de um relato, no sentido de desnaturalizar certas ações, buscar outras formas de narrar-se e, por assim dizer, criar outros modos de viver.

Apesar de ter como ponto de partida a experiência vivida, trazendo à tona fortemente o eu e a personalidade tanto do pesquisador quanto dos que participam do processo investigativo, o trabalho que se desdobra mediante a abordagem narrativa não pode perder de vista o exame contínuo com relação aos limites e a pertinência dos relatos que traz à tona. Não se trata de “una narración celebratoria de la experiencia del yo, sino un camino para establecer relaciones, desvelar vínculos y realizar aportaciones al campo de estudio que nos hemos propuesto recorrer” (Hernández e Rifá, 2011:15).

Para tanto, é de extrema responsabilidade do pesquisador que se lança a este tipo de pesquisa manter-se em alerta para não cair em esvaziamentos teóricos ou perder o rigor acadêmico (mesmo quando propõe-se justamente a rever e problematizar quais seriam as normas e rigores necessários neste contexto) em virtude da total ênfase nos relatos e narrativas que se produzem no decorrer do processo.

Agregar ao texto (da pesquisa) relatos pessoais, histórias de vida, narrativas visuais, dentre outros tipos de dados, por mais bem dispostos e convidativos que possam parecer, talvez não seja garantia de estar-se produzindo um trabalho consistente em termos de produção de conhecimento e, mais ainda, um trabalho que se articule a este tipo de investigação.

Ao trabalhar com investigação narrativa vale considerar que o relato deve estar escrito de modo encadeado com o enfoque a ser dado na pesquisa, no intuito de evocar problematizações e fazer emergir as mudanças e transformações sofridas por aquele que conta sua história pessoal, suscitando no leitor motivações para que se coloque também neste

diálogo. Este processo, conforme Carola Conle (*apud* Hernández e Rifá, 2011) é entendido como ressonância, algo que faz avançar a indagação, já que produz sempre outras histórias, por meio de conexões que se constituem entre experiências diferenciadas.

Traçando um panorama, ainda amplo, acerca de todos os relatos produzidos é possível verificar algo que se repete nas reflexões cedidas: o desejo de ser diferente daquilo que se é. Segundo os relatos, a mudança de cidade, estado e/ou país atua como possibilidade de arriscar, variar papéis, investir em interesses ainda não experimentados e, por vezes, ocultos pelo medo de tentar, de se expor e arriscar, sobretudo frente às pessoas e grupos sociais mais próximos. Os relatos trazem à tona a procura por uma mudança que não seja somente de ordem profissional ou formativa, mas especialmente de ordem pessoal, mesmo que seja pelo viés da formação acadêmica que se inicie o deslocamento. Busca-se com esta mudança uma chance de se colocar e se ver perante situações ainda não vividas, confrontados pelas novas aprendizagens, pelo território que não oferece um manual para ser descoberto. Talvez ainda por acreditar que “sempre se está criando língua, novos portos, novas terras. Sempre estão se atualizando novos mundos” (Rolink, 2006: 76).

Assim, explorar e dialogar com os relatos ajuda-me a buscar as conexões que se formam entre os diferentes sujeitos, estabelecendo os primeiros marcos temáticos e também fios condutores a partir de elementos compartilhados (Hernández e Rifá, 2011) entre os colaboradores. Esta forma de olhar para os relatos também auxilia a elaboração de novas perguntas ou tópicos para serem abordados em profundidade, bem como revisar estratégias e procedimentos usados até então para complexizar a participação dos sujeitos, a depender dos retornos acerca das indagações lançadas.

Além disso, ao passo que me detenho nas falas trazidas, vejo que é necessário desdobrar melhor algumas questões por meio de novos contatos, no intuito de chegar mais próximo dos objetivos e perguntas que orientam o projeto, uma vez que

el mantenimiento de la colaboración en la construcción y en la reconstrucción de los argumentos puede convertirse en una tarea que requiera una especial inventiva, sobre todo en estudios de larga duración donde el objetivo de la investigación puede haber evolucionado. (Connely e Clandinin, 1995: 49).

As primeiras questões enviadas a cada colaborador serviram justamente como uma possibilidade de chegar ao tema de modo amplo, trazendo dados que se apresentam como um pano de fundo, um panorama mais

generalizado sobre aquilo que mobiliza-os em busca de outros territórios. Contudo, os primeiros relatos por si só não dão conta de esmiuçar os detalhes que conformam estas mudanças, sendo importante promover novas interlocuções com o grupo e, talvez neste processo lançar mão de outras estratégias e recursos⁷, como forma de provocar/convidá-los a pensar desde outros dispositivos.

E no meio do caminho, novas perguntas

A partir do estudo realizado sobre os relatos escritos pelos sujeitos participantes, inúmeros pontos e palavras-chave foram emergindo, contudo, o aspecto que trago para destacar neste artigo vem a ser a produção de novas paisagens, de novos mapas e territorialidades que se constroem mediante a experiência vivida ao longo dos trânsitos sucedidos. Tais paisagens se conformam não somente do ponto de vista dos lugares por onde se passa, mas sim daquilo que acontece neles, de momentos e vivências que se tornam marcantes e significativas em meio ao que se está fazendo com o deslocamento produzido.

Compor estas paisagens, a partir de conversações e imagens coletadas e produzidas no decurso dos deslocamentos, tem sido neste momento uma das etapas desenvolvidas dentro do processo investigativo. Além de buscar realizar uma narrativa a partir de relatos, venho dedicando-me a explorar outra dimensão das narrativas, ou seja, a potencialidade de conta-las através de visualidades que se relacionem com a experiência de aprender e viver estas mudanças.

Ao passo que procuro problematizar ou pensar sobre a experiência de estar em trânsito e das transformações que decorrem deste movimento vejo que, por vezes, contar oralmente ou escrever sobre aquilo que nos passa não alcança proporcionalmente a intensidade do que se sente ou se quer expressar quando trata-se de elaborar uma narrativa. São muitos os detalhes, as nuances que se perdem quando contamos algo por meio da oralidade ou da palavra escrita. E isso ficou ainda mais evidente quando, para elaborar algo em torno dos deslocamentos, passei a trazer também para meus relatos algumas imagens que podiam dialogar ou ampliar os sentidos a partir das experiências vividas.

As imagens, mesmo quando se encontram sós, sem nenhum vínculo com os relatos escritos, produzem novas intensidades, convidam a pensar inclusive

⁷ Atualmente, ainda em diálogo com os participantes, os relatos em torno aos deslocamentos vêm sendo produzidos também por meio de imagens, como forma de trazer à investigação outros elementos que ampliem os modos de ver estas experiências.

para além daquilo que o narrador tinha por intenção, ao escolhê-las. Por outro lado, o próprio narrador por vezes tem pouco claras, ou mesmo fora de seu controle, estes sentidos e intenções. Descobrir o sentido do que nos faz escolher uma imagem dentre tantas outras que são feitas nos percursos diários, enquanto vivemos nossas rotinas, pode ser uma incógnita. Até que, aos poucos, passemos a mapear alguns elementos que possam dar pistas sobre estas seleções, seja pela frequência com que aparecem, seja pelos encontros que evidenciam: com pessoas, livros, filmes, espaços, outras histórias...

Contudo, ao pensar que este mapeamento pode, de algum modo, indicar um caminho metodológico de se trabalhar com imagens, há de se considerar que

é preciso buscar um método que seja tão fluido quanto o próprio objeto investigado, que capte suas nuances e contemple a espontaneidade, subjetividade e irregularidade com que as pessoas criam, reproduzem, amalgamam e fruem imagens. (Victorio Filho, 2013:58).

Mantenho-me em uma posição que não pretende descrever as imagens trazidas para a pesquisa, como forma de clarificar o que era ou não pretendido ao serem incorporadas ao trabalho, mas vejo a necessidade de criar outras estratégias para que sua presença tampouco seja fortuita aos olhos de quem dialoga com a proposta. Indago-me sobre como produzir uma narrativa visual que dialogue com outros tipos de relatos, sem que sirva como ilustração de um percurso.

Realizar a investigação propondo a criação de uma narrativa, ainda que se faça como algo instigante, traz consigo muitos questionamentos no que tange ao rigor e a pertinência do trabalho investigativo. Enquanto me lanço a desenvolver um trabalho em torno aos deslocamentos de um grupo de sujeitos, entrecruzados aos meus próprios, busco modos de produzir esta narrativa atravessada por múltiplas vozes, sem que o resultado desta produção seja simplesmente algo visual, uma peça, um produto que não proponha outras conexões e tampouco convide a pensar sobre as mudanças que se dão a partir destes trânsitos experimentados. As imagens, quando presentes, devem abrir outras brechas para que se pense sobre aquilo que é proposto na pesquisa, oportunizando que novos agenciamentos aconteçam, de modo que sem elas talvez fossem impossíveis.

Assim, ao contrário de encerrar esta escrita com certezas e convicções, o único que posso afirmar ao leitor é que as escolhas e percursos traçados até então são de muitas interrogações e, mais do que respostas, lançam reticências, silêncios e novas perguntas. Por esta razão coloco-me aberta ao

diálogo e, mais do que isso, aberta a deslocar-me também entre outros caminhos possíveis e ainda não experienciados.

Referencias bibliográficas

- Appadurai, Arjun. (2008). *Modernity at large: cultural dimensions of globalizations*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Augé, Marc. (2010). *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: EDUFAL: UNESP.
- Braidotti, Rosi. (2002). Diferença, diversidade e subjetividade nômade. *Labrys, estudos feministas*. Número 1-2, julho/ dezembro.
- Bruner, Jerome. (1991). *Actos de significado*. Madrid: Alianza Editorial.
- Canclini, Nestor G. (1998). *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Connely, Michael y Clandinin, Jean. (1995). *Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa*. In LARROSA, J. *Déjame que te cuente*. Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes.
- Deleuze, Gilles. (1988). *O abecedário de Gilles Deleuze: transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos*. Paris: Éditions Montparnasse.
- Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta.
- Gubes, Tales. Depoimento. (2012). Entrevistadora: Aline Nunes da Rosa. Arquivo digital formato Word. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos: Narrativas a partir de deslocamentos territoriais. Goiânia: PPGACV/FAV/ 2012.
- Hall, Stuart. (2006). *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Hernández, Fernando; Rifá, Montserrat. (2011). *Investigación autobiográfica y cambio social*. Barcelona: Octaedro.
- La hija del canibal. (2003). Antônio Serrano. (México).
- Larrosa, Jorge. (2006). *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Preciosa, Rosane. (2010). *Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo*. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS.
- Rogoff, Irit. (2000). *Terra Informa: geography's visual culture*. Londres: Routledge.
- Rolink, Suely. (1997). Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura; pp: 1-11. Disponível: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagemsubjetic.pdf>
- (1995). Ninguém é deleuziano. Disponível em <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/ninguem.pdf>
- Skliar, Carlos. (2008). *A escrita na escrita: Derrida e Educação*. In: Skliar, Carlos (org.) *Derrida e a Educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, pp. 9 - 33.
- Victorio Filho, Aldo. (2013). Ponderações sobre aspectos metodológicos da investigação na cultura visual: seria possível metodologizar o enfrentamento elucidativo das imagens? In: Martins, Raimundo; Tourinho, Irene (orgs.). *Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação*. Santa Maria: Editora da UFSM, p. 225-236.